

Magru Floriano



HÁ CAIS

brisa utópica

magru floriano

HÁ CAIS

edição digital

brisa utópica

*CAPA:**Veleiro - Aquarela no papel canson - Victor Lark.**Arte de capa - Magru Floriano.**REFERÊNCIA**FLORIANO, Magru. Há caís. 1.ed. digital. Itajaí: Brisa Utópica, 2020.*

Prefácio

Escrevo poesias porque a minha vida não é possível sem versos. Já escrevi poesias pensando no que as pessoas diriam, e, também já escrevi poesias para mim. Mas, hoje, escrevo poesias porque simplesmente existo. Nem escrevo para os outros, nem escrevo para mim, apenas faço com as palavras o que o rio faz com as águas que caem das nuvens: reúno-as e desaguao no oceano da vida.

Há, em mim, uma necessidade poética. Uma química que faz circular por todo o meu corpo uma substância vital feita de palavras. Quando me deparo com uma palavra poética meu corpo, antes de minha mente, altera os fluídos físicos de minhas sensibilidades. O corpo treme, a pele eriça-se, os olhos esbugalham, a barriga sente um friozinho misterioso e a adrenalina consome meus porquês.

As palavras adentram-me e consomem por completo meu juízo, roubando minha consciência, minha razão, minhas pretensões ... transformando tudo em sensibilidades. Sensibilidades poéticas. Diante da palavra eu nunca sou eu, porque a palavra me transforma em vulcão que expelle incontrolavelmente o magma incandescente. Os meus versos só são completamente compreensíveis quando ainda no estágio incandescente, depois, esfriados, já rochas endurecidas, não as reconheço e não lhes devoto sentimento de pertencimento. Em síntese: sou poeta enquanto construo os versos, como o vulcão enquanto expeli magma. As rochas frias e duras, como os poemas em livros, ficam apenas como registro da vivência poética. A poesia está antes – no fazer.

Este livro é o relato/testemunho de um embate existencial entre dois mares: o mar de dentro [psiquê], o mar de fora [natureza] - vivenciado por mim nas cercanias de Zimbros e Mariscal. O vulcão poético causou maremotos nestes ambientes tornando a minha existência um dilema entre o medo da morte e a segurança do cais. Poderia, portanto, ter o título de MAR DE DENTRO – MAR DE FORA ou, simplesmente, TEMPESTADES. Mas a escolha do título não deixa de ser uma opção por uma visão mais positiva desse dilema poético-existencial – porque, apesar de todas as tempestades, sempre haverá um cais para nos acolher.

Após conversa com o editor Anderson Silva resolvi dividir, nesta segunda edição digital, o conteúdo em três partes: Todo cais é abrigo; toda tempestade é destino; toda vida é vento. Tentei dar aos poemas uma outra ordem, visando propiciar ao leitor um melhor entendimento de seus conteúdos. Também foram incorporados novos poemas, alguns mais longos. Por último, troquei algumas palavras que o editor considerou excessivamente repetidas.

Boa leitura!

Magru Floriano

*TODO
CAIS
É
ABRIGO*

*há caís
para meus sonhos
banhados pelas águas do Rio Itajaí*

*vai e cai
que a vida
é feita de tropeços*

*haicais
que a vida
é feita de versos*

*cais vazio
de minha existência cheia
de navios*

*chega ao porto
no Rio Itajaí
mais uma nau
que não soube cruzar os mares*

*beijou, contudo,
todas as enseadas*

*trapiches rotos
que recebem
corações rotos*

*todo caís
é feito de medos
coberto de saudades
lavado de esperança*

*todo caís
é feito de emoções*

*a tristeza chegou cansada
em busca de abrigo*

*chegou do jeito torto
de quem chega de mar aberto
após tempestade*

*a tristeza aportou aqui
como nau sem vela
tristemente triste
querendo porto em mim*

*justo eu
que estava no cais
pronto para partir*

*hoje ...
o cais ficou mais longe*

*tinha correnteza
tinha ventania
tinha repuxo, ressaca e rebojo*

*hoje ...
o cais ficou mais longe
em algum lugar entre
a tempestade e minha esperança*

*minha pequena cidade
é porta sempre aberta
é porto sempre abrigo*

*esse caís
feito de tábuas
- agora rotas pelo tempo -
é testemunha de todas
minhas esperas*

*levo esperança
trago saudade*

*tarefa renovada
a cada porto*

*logo ali
um cais está a minha espera
sabe que um dia lhe alcançarei
porque o vento
levou notícias de minha partida*

*afinal, quem parte
sempre busca outro porto*

*sou meu próprio abrigo
nas tempestades que me invento*

*sou nau de cabotagem
caís a caís
dentro de mim*

*sou pra mim
perigo e proteção
poíta solta e vento amigo*

caís e aís
feitos de saudades

*meus sonhos são azuis
como são azuis meus olhos
e a imensidão do mar*

*tudo ao meu redor é azul
menos o caís ocre
que me guarda dos dias cinzas*

docas
do cas

*rio itajahy
teu grande calado
é feito no silêncio
dos redemoinhos*

*gota em gota
até formar a vaga*

*sopro em sopro
até formar a tempestade*

*porto em porto
até chegar ao nada*

*nau peregrina
subindo o itajahy até cordeiros
onde o sol sempre descansa
nos finais de tarde*

*cordeiros é descanso
para naus, homens e sol*

*TODA
TEMPESTADE
É
DESTINO*

*o rufar das velas
é quase um ruflar de asas
pássaro alçando voos impossíveis*

*o rufar das velas
é a notícia da partida
canção de despedida*

*toda tempestade
tece um caís
de saudades*

*estou longe do itajahy
e minhas amarras
descansam de mim*

*aguardam meu retorno
- inevitável -
ao cais de sempre*

*tédio, tragédias, tempestades...
desenhadas em minha pele
dizendo aos outros
tudo que vivi*

*meus braços
guíam a canoa
rumo ao horizonte
que me guía*

*estou em pleno mar....
e 'navegar é preciso'
mais do que isso desconheço*

*sou náufrago
no mar de amarguras
que trago comigo
naufrago-me*

*o vento passa
com a leveza
de quem nada deseja*

*chegar e partir....
simples assim!*

*velas abertas
síngrando o mar
cheias de sonhos
que meus medos
não deixaram sonhar*

*busco pelo mundo meu caís
porque os mares
insistem em me oferecer
tempestades*

*se este mar é sonho
nada me resta
senão imaginar*

*síngurar
síngurar até sangrar!*

*no presente
tudo o que tenho
é essa linha do horizonte
que me oferece o mar azul*

*nela
guardo minhas alvoradas
e o sonho de um dia retornar*

*o mar não lembra
dos mastros e quilhas
das naus aventureiras*

*a única memória do mar
é lembrar-se de ser
sempre azul*

*sempre
mais e mais
léguas e léguas
adentrando sempre mais
o mar inóspito
com ares de quem vai até ali*

*o melhor sonho
é sempre aquele
que não se impõe limites*

*tenho o desejo
de singrar este mar
no perigo da tempestade
para unir sonho e realidade*

*há um destino desejado
para quem sonha mares*

*à leste, sempre à leste
sem olhar pra trás*

*antes
fundeado que afundado
mas
que a tranquilidade da tua enseada
não seja abrigo eterno
nem motivo para ficar
sem o prazer das tempestades*

*antes
velejando ao acaso
- aqui e ali -
sem a certeza do amanhã*

*aquí estou
entre a escuridão da noite
que permanece por todo o dia*

*aquí estou
entre o céu e o mar
com o negro absoluto da tempestade
negando tudo aos meus olhos maríneiros*

*aquí estou
sem linha no horizonte
sem lua sem sol sem estrelas
sendo tempestade*

correr risco ríscar
correr risco arríscar

*ciclone catarina
eternizando vidas
no fundo do mar*

*amo o mar azul
e fico perplexo
diante deste mar
lindamente
trajado de verde*

*sinto-me
como se estivesse traíndo*

*não há caminho no mar
só distância a vencer*

*navegar é inventar caminho
e inventar-se pelo caminho*

*velejar
é acreditar no vento*

*uma brisa fraca
traz notícias fortes de alto mar*

*a cada vela cheia
renovo meu destino*

*velejar
é um pacto com o destino*

*velas enfunadas
por ventos marinhos
traídos pelos sonhos maríneiros*

*entre um porto
e outro porto
sempre há a escolha
de navegar ou naufragar*

mar
pampa salgado
que desbravo navegando

*toda trilha
que desenho no mar
é rascunho
entre meu partir
e meu chegar*

*tábuas de marés
desenham no diário de bordo
as bordas do meu destino*

navegar
não chegar
naufragar

*a quilha é a pena
que a nau utiliza
para exercitar
sua caligrafia*

*para quem mergulha
o mar é catedral
feita de água e sal*

*amarrei minha nau
por dentro
abandonando a segurança
de teu cais*

*para que segurança
se é na tempestade
que vivo mais?*

*o mar
tem seu começo e seu fim
mas é infinito
dentro de mim*

*o mar
que trago dentro de mim
é feito do azul
de todos os meus sonhos
e das tempestades
de todos os meus desenganos*

*velas
infladas, inchadas, enfatuadas, intumescidas
cheias de um destino
feito de vento*

*para aonde vão?
para aonde me levam?*

*na certa para longe
de meu destino original...*

*ah! a vida é frágil químera
que amedronta aos inúteis
... como eu*

*deuses
insuflam velas
com sopros de ira e paixão*

*tempestades divinas
levando naus
a destinos imperfeitos
sempre a um sonho
do cais ideal*

*eu e minhas sensações
navegando no mar de dentro
de mim
um mar solipsista
todo eu
só
somente eu*

*valquírias aladas
cavalgam nuvens negras
disparando raios incandescentes
provocando convulsões nas águas
do mar de fora de mim*

*navego no mar revolto
sob a ira de valquírias nebulosas
sobre o mar abissal
com desejo de fera faminta*

*entre a ira celestial
e a fome abissal
navego sem rumo
sem destino
nos mares
dentro e fora de mim*

*o mar de fora
lambe minha face
desenhando sobre a pele
um rastro feito de sal*

*o mar de dentro
lambe minha alma
desenhando no pensamento
um rastro feito de medo*

*por dentro
e por fora
eu sou tempestade*

*meu mar de fora
é feito de gredo*

*meu mar de dentro
é feito segredo*

*a neblina espessa
devora todas as formas
esborrifando sobre o mundo
gotículas salgadas de mistério*

nada é permitido aos sentidos

*a neblina espessa
devora todas as esperanças
ao desfazer a linha do horizonte
e todos os horizontes*

*estou entre uma vaga e outra vaga
entre neblina e neblina
entre nada e coisa alguma*

*meu mundo é uma nuvem espessa
que borrija medos
encharcando meu corpo de incertezas*

eu
diante do mar enfrento suas tempestades

eu
dentro de mim enfrento minhas tempestades

*vento, trovões, raios, chuva
a natureza uíva e anuncia temores e terrores
vagas agigantam-se alcançando nuvens
abrem sulcos abissais
esborrifando gotas salgadas de ira divina*

*tempestade ...
oferecendo aos meus olhos
impermanências*

*um raio desenha a esmo
o caminho de todos os meus medos
tendo ao fundo um céu entre gris e ébano*

*tempestade !
no vão abissal aberto entre colossais vagas
o mar espuma e cospe salinidades
oferecendo-me sensações diversas
como pequenez e fragilidades*

Mas sobrevivo

*mar revolto
vergel de vagas que cospem espumas
como se pólen fosse
na eviterna luta da vida pela vida*

*darwinismo e acaso
vida e ocaso
lar e sepultura
mas ... também ...
caminho de passagem
para quem segue sem ter pra onde ir*

*mar revolto
pomar de ondas
que espumam cólera
e batem na franja da praia
aprendendo que é hora de voltar*

*apesar de toda fúria
apesar de toda força bruta
a praia é tua fronteira e tua agonia
teu retornar a retornar a retornar
sempre e sempre e sempre
porque tua prepotente ira
tem um grão de areia
como limite*

*óh! mar ...
infinito império abissal
és apenas uma gota
dentro de mim*

*incontido vagalhão ciclópico
vastidão, incógnito
gota reclusa
querendo ser lágrima*

*óh! mar ...
lágrima diáfana
que faz da minha face
tua derradeira praia*

*tempestade infinda
vento, chuva, raios, trovões ...
convulsão dos elementos*

*vagas em formação militar
catedrais torneadas pelo vento
penedós líquidos em marcha
cíclopes espumando o ódio guerreiro
valquírias aladas lançando raios*

*céu de grís e ébano anunciando o caos
nuvens rufando cadenciado
a ladaíinha dos elementos em fúria
envolvendo canoa e pescador
numa fome de comensais titânicos*

*a última pescaria
também - por certo -
foi a mais bela*

mar
superfície líquida, vitral efêmero
umbral de todas as profundezas
capa do mistério abissal
navegando sobre teu espelho azul
abro os portais de todos os meus medos

*velas enfunadas
ao leve sopro da brisa marinha
levando nau e homem
ao encontro do cais
que espera no outro lado*

*lá fora
onde o mar é infinito azul
e abriga em suas entranhas profundas
todos os meus temores existenciais ...*

*lá fora da barra
onde as velas
rufam em sintonia com os ventos
e conspiram tempestades com todos os elementos ...*

*lá fora da barra do itajahy
onde o vento sopra iras
onde a natureza elabora destinos
onde o mar se faz infinito
onde o medo é alimento...*

*lá fora
eu busco proteção
dentro de mim*

*Núvens pintadas de gris e ébano
Espalhando gotas
guardando estrelas
plantando raios na terra úmida
trovejando palavras incomprensíveis*

*nuvens opacas
só quem sabe de tuas impermanências
aguarda o sol do dia seguinte*

*eu estava lá ...
e vi o céu em fúria
como que anunciando o fim do mundo
raios riscavam o céu negro
ventos vergavam mastros
ondas cuspiam espumas e salinidades*

*eu estava lá
e senti na pele salgada e ressequida de marínheiro
todas as irresponsabilidades dos deuses
acostumados a dispor dos elementos
para breve diversão ocasional*

*eu estava lá
e os deuses também brincaram comigo
mas sobrevivi*

*a linha do horizonte
guarda o sol ao cair da tarde
me oferecendo um caminho de luar*

*veleiros dormem
à sombra de uma calmaria
que anuncia a próxima tempestade*

*sobrevivo
às tempestades que vivo
no mar de dentro de mim
e no mar de fora de mim
por ter convicção
de que logo ali
atrás da linha do horizonte
há cais para todas as naus*

*a realidade
é quase nada
diante da nitidez
dos meus sonhos*

*sonhar, sonhar, sonhar ...
o que é real
em plena tempestade
que se impõem dentro de mim?*

*natureza em convulsão
movimentos abruptos dos elementos
nuvens que se chocam, raios, trovões,
vento e floradas ao chão...
eu, trancado por dentro,
fico encharcado de medos*

*a natureza, lá fora,
sopra medos pelos caminhos
enquanto eu, trancafiado por dentro,
espero o esgotamento de sua fúria
para recolher meus próprios cacos*

*um raio rísca o céu
uma lágrima rísca minha face*

*este vento que não passa
esta chuva que não molha
são forças remexendo
as entranhas abissais das lembranças
me fazendo ninho de tempestades*

*outonos feitos por zéfiros
aragem libertando folhas
brisa lambendo peles
vento tímido, bafo úmido,
chamando meu corpo salgado
para navegar*

*se hoje chover
estarei feliz ao teu lado
se hoje esfriar
estarei feliz ao teu lado
se hoje esquentar
estarei feliz ao teu lado
se hoje ventar ...
estarei partindo
ao ruflar das velas*

*TODA
VIDA
É
VENTO*

*meu pai marínheiro
meu tio marínheiro
outros e muitos outros
todos marínheiros
trazendo ao caís
todas as naus e sonhos*

*sem ser marínheiro
meu mundo é enseada
abrigo de mim para mim
não podendo ir além
do que ousa sonhar*

*meu mal
foi ter o desejo
de construir com beijos
minha própria nau
para navegar em ti*

*soubesse eu
que teu oceano era profundo
abissal, revolto e traiçoeiro
a teria construído com palavras
porque, já disse o poeta:
'só as palavras
nascem prontas para a luta'*

*o que me provocas
- tempestade ou calma -
tanto faz ...
sou barco no cais*

*todo amor
na beira do caís
cumpre a sina de se fazer carne*

*quantas naus
atracadas no cais
sonham com mares
tempestades e sereias
quantas naus
atracadas no cais roto
conspiram contra suas amarras*

*eu, nau presa numa âncora
nas águas barrentas do itajahy
também sonho com mares
sonho com tempestades
e conspiro contra cais
e amarras outras*

*eu, nau triste
conspiro contra a barra do itajahy
como quem sonha com sereias*

*dá-me tua mão
seja minha guia
nos caminhos do mundo*

*quero vagar
nos labirintos
das pontas de teus dedos*

*meu olhar corre mundo
e descansa em ti*

*sempre me verás como porto
sempre te verei como nau*

*sempre teremos na tempestade
nosso encontro inevitável*

*O que procuro
não é amor
não é sucesso
nem louvor*

*procuro caís
onde possa amarrar
meus lamentos
e tudo mais*

*lá fora, uma imensidão em gotas d'água
lavando o mundo de suas circunstâncias
aqui dentro, uma imensidão em palavras
gotejando sentimentos e emoções*

*todo passado transborda
quase me sufocando
sou naufrago entre memórias
dum mar profundo chamado infância*

*para esquecer de viver
lembrar, lembrar, lembrar ...*

*transferí minha felicidade
para depois de amanhã
em um ponto da vida
sem relógio-ponto*

*serei feliz lá...
longe de onde estou
perto de quem não sou*

*chove lá fora
fecho porta, janela e agenda...
meus compromissos do dia
eram todos com o sol*

*'deus chora oceanos'
por onde navego
rumo a mais um engano*

*abro mais um livro
para navegar de palavra a palavra
de verso a verso
de poema a poema
indo a lugar nenhum*

*um mar de palavras
onde naufrago
sem me molhar*

*quantos amores
deixei à beira-mar
sem beira e sem eira
sem saudades*

*amores
trazidos ao coração
por lésadas imprevistas*

*não procuro porto seguro
apenas - aqui e ali -
em cabotagem
pequeno cais
onde possa largar meus lamentos*

*não procuro terra firme
basta-me a saudade
que tenho de ti*

*nunca te disse adeus
e também não te vi no cais
me oferecendo o aceno de mão
de uma despedida triste*

*não estavas lá
e o sentimento que fica
é da partida sem lamentos
num cais vazio*

*mesmo assim
é provável que me esperes
e é provável que não volte*

*sem fim
essa história de amor é bela e pura
porque cultiva
tudo de bom que nos oferece
o depois do amanhã*

*pra que dinheiro
pra que roteiro
se aonde vou
desconheço?*

*todo risco n'água
se desfaz sem mágoa
porque a vida segue*

*este sol
querendo nascer
logo ali na linha do horizonte
parece-me o mesmo
o mesmo sol que morreu ontem
ao cair da tarde.*

*pobre sol
condenado a nascer e a morrer
todos os dias de sol a sol
só!*

*teu caís a oeste
denuncia meus sonhos a leste*

*teu caís a leste
anuncia meus sonhos a oeste*

*sonhos e caís
conspiram desencontros*

*cada um
com seu sonho
mostrando ao mar
do que é capaz*

*minha nau
fundeada ao largo
aguarda tuas promessas
realizarem ventos*

*teu nome
escreví em prosa e verso
ditei e soletrei
cantei e balbuciei*

*teu nome
lembrei e esqueci
guardei e perdi*

*no próximo caís
recupero toda memória de ti
na primeira tabua que pisar*

*teus cabelos revelam-me
a direção do vento
teu coração revela-me
a direção da felicidade*

*teus cabelos
eu vejo
teu coração
eu desejo !*

*procuro um lugar na tua tristeza
entre teus olhos e lágrimas
entre teu choro e lamentos*

*e ali - bem perto do teu rosto -
onde habita tua tristeza
quero ficar como hóspede ou intruso
guardador de teu rebanho de lágrimas*

*guardo meu deus no coração
e parto oceanos afora
em cada praia um deus me protege
do deus único das praias de antes e depois*

*há um deus protegendo esta enseada
outro, aquele golfo
há um deus protegendo esta morada
outro, aquele povo*

*guardo meu deus no coração
como quem guarda segredos*

*há deuses em todos os cantos
há mares em todos os sonhos*

navegar - navegar - navegar!

*o que encontrarei
para além desse horizonte?*

*se forem versos
quero transformá-los em sereias*

*se forem sereias
que elas me transformem em versos*

*O mar bebeu todos os rios
ficando de ressaca
nas praias*

*nunca disse adeus
ou sequer um até breve*

*e assim fui ficando
encrustado na memória de quem amo*

*naufragou-se
no mar de NÃO
que criou ao longo da vida*

*seu único SIM
reservou à morte*

*sem tí
não tenho norte
meu destino
permanecerá sempre à deriva*

*voltei
para lhe devolver um breve adeus
um aceno tímido
duas lágrimas salgadas*

*voltei
para lhe trazer uma porção de saudade
que o tempo me permitiu guardar*

*quando
a saudade aperta
síngró todos os mares
por um beíjo*

*uma fragata sobrevoa
o mar de mariscal
outra
morta na areia da praia
serve em seu próprio corpo
um banquete aos vermes
e a vida segue*

*tu és aquela que reclama
eu, sou aquele que declama*

*entre reclamar e declamar
entre céu e mar*

amar, amar, amar

*Na chuva
tenho a necessidade
de desfazer minhas margens
até virar enchente
transbordo-me*

*estou a beira do rio
querendo aprender a nadar*

*estou perto de ti
querendo aprender a amar*

*perto o amor é dor
longe tem sabor de saudade*

*nenhum rio
pode ser maior que o itajahy*

*por ser
o rio da minha aldeia
ele é feito de água e memória*

*a água ele leva ao mar
a memória
espalha pela vastidão
de minha existência*

*todo rio busca sua foz
riscando os vales
brincando de serpentear
entre obstáculos de pedras
adiando seu encontro com o mar
coleccionando meandros e remansos*

*eu que não sou rio nem mar
faço caminho pelo caminho
brincando com o destino*

*meu sangue ancestral
forjado nas entranhas dos vulcões dos açores
jorrou como lava incandescente
seguindo as correntes marítimas
beijando os beirais do mundo*

*chegou ao itajahy
ainda lava disforme
e aqui mesmo se fez rocha
... pra sempre*

*da vida pouco sei
mas sei
que o sol nascerá igual todos os dias
mesmo que seja o último sol
do último dia*

*tu, a escolhida para ser amada
me servistes 'tempestade em copo d'água'
fizestes das coisas pequenas
a grandeza de uma tragédia*

*sentado em um banco
no jardim do largo da matriz
meu corpo é açoitado pelo vento sul
que chega carregado de frio*

*trancado dentro de mim
perdido entre desespero e confusão
minha mente é açoitada por lembranças
que chegam carregadas de segredos*

*alí, em plena praça da matriz,
meu corpo tem frio
minha mente abriga medos
... e a vida segue!*

*tu és minha tempestade perfeita
nada fica no lugar
quando estás por perto
tudo flutua ao vento
a esmo, sem destino*

*envolto por teus olhares e sorrisos
jeitos e trejeitos
acredito poder voar
como passarinho
mas ... está escrito:
o chão é o meu destino*

*lágrimas misturadas à chuva
sintonia de lamentos
eu e a natureza choramos
por tudo o que sonhamos
e pelo desejo incontido
das coisas impossíveis ...
utopia*

tempo
o que fazes comigo?
o que queres de mim?

me ríscas em rugas
me afogas em memórias
me confinás em comorbidades
me conduzes ao fim!

*o sol
copia-me
oferecendo versões de mim*

*sombras que não reconheço
imprecisas, disformes, descoloridas,
estáticas*

*o que pensa o sol
sobre mim
para me reproduzir sem vida
sem cor
simples sombra
na areia da praia?*

*sou folha seca
esperando o vento
para conquistar
meu outono
de liberdade*

*caí a noite
sobre a tarde
já esquecida da manhã
saberemos esquecer esta noite?*

*aos meus pés
cai uma folha seca
trazendo notícias do meu outono*

*o vento assobía
mexendo e remexendo
nas coisas do mundo
trazendo notícias do meu outono*

*os pássaros cantam
galho a galho
em pequenos sobrevoos
trazendo notícias do meu outono*

*o que mais esperava da vida!?
... se no seu tempo
a semente germinou
depois o broto vingou
suportando o peso da florada?*

*o que mais poderia eu esperar
senão o meu próprio outono!?*

*eis que anuncio
dupla libertação:
dos versos - que saíram de mim
de mim - que larguei versos ao vento*

*liberdade !
eis o fim !*

